

EDITORIAL

A reflexão a respeito da forma de produção do conhecimento geográfico ainda é um assunto insuficientemente discutido e analisado em nossos dias. Talvez por uma decisão consciente e cômoda ou por uma questão de incerteza epistêmica, boa parte dos geógrafos prefere não adentrar no labirinto da teoria do conhecimento ou da filosofia da ciência. Ademais, muitos geógrafos admitem que esta seja dimensões da ciência que não devemos nos ocupar por ser mais subjetiva e assistemática, cabendo aos filósofos esta missão. Com isso o estudo do método ou dos métodos de como se fazer, pensar, ler ou escrever a Geografia passa de uma maneira pouco aprofundada para um segundo plano de prioridades.

É bem verdade que não é uma tarefa tão simples correlacionar à tríade - método, teoria e objeto/sujeito - na situação de cada pesquisa. Daí resulta que o conhecimento científico que pretende explicar uma realidade supostamente universal esbarra nas realidades dinâmicas e distintas de cada lugar que abrangem heterogeneidades e diferenças de objetos/sujeitos. Não se pode ignorar que a produção do conhecimento tem seu ponto de partida num saber situado e, portanto, a produção do saber também é localizada e, por conseguinte, requer a consideração da estrutura de pensamento e dos modos de fazer e agir diferenciados e contextuais.

Numa perspectiva reducionista para fins de apresentação da idéia e reputando as forças hegemônicas presentes na geografia brasileira hoje podemos destacar as principais vertentes de estudos que articulam categorias, conceitos ou noções: empirismo, positivismo, historicismo, dialética idealista e materialista, empirismo lógico e fenomenologia. Também é verdade que muitos investigadores fazem uso do conceito como ornamentação e como valor decorativo de resultados imediatos, outros como uma espécie de fetiche com abstrações com fim em si mesmo. Outros trabalham os conceitos como uma “caixa de ferramentas” de modo meticuloso e artesanal o que permite pensar o mundo, seus problemas e quiçá algumas possíveis soluções. Assim a categoria assume papel relevante na constituição do elemento central do discurso filosófico e tanto os conceitos e as noções são chaves de abertura que mobilizam, dinamizam e enunciam a possível geograficidade dos processos em questão. O

desafio posto nesta fase de transição social e da necessária virada epistêmica é, de um lado, o de aprofundar a Geografia na compreensão da totalidade, e de outro, o de se afastar da lógica financeirizada e mercantil de produção do conhecimento e da formação intelectual.

Por fim é importante informar que o periódico de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco foi criado há 34 anos e desde 2008 passou a ser acessado na versão digital da plataforma SEER do IBICT. É fato que se tornou uma referência para a geografia brasileira e vem sendo consultado por pesquisadores de várias partes do mundo. Com isso apresentamos um conjunto de trabalhos científicos que são resultantes de atentas revisões da literatura especializada e no rol das várias perspectivas analíticas do método contribuem para lançar mais luz e tempero na efervescência das reflexões paradigmáticas que nos perturbam positivamente no infinito desenvolvimento disciplinar da Geografia.

A Equipe Editorial da Revista de Geografia (Recife) deseja a todos uma excelente leitura!

Dr. Claudio Ubiratan Gonçalves
Editor de Seção
claudio.ubiratan@ufpe.br